

---

# USANDO A TEORIA DO SUL: DESCOLONIZANDO O PENSAMENTO SOCIAL NA TEORIA, NA PESQUISA E NA PRÁTICA\*

[USING SOUTHERN THEORY: DECOLONIZING SOCIAL THOUGHT IN THEORY, RESEARCH AND APPLICATION]

**RAWYEN CONNELL**  
UNIVERSITY OF SIDNEY

---

**Resumo:** Trabalhos recentes em ciências sociais desafiam pressupostos gerenciais sobre domínios de conhecimento homogêneos e traçam os efeitos de uma economia mundial de conhecimento estruturada pela história do colonialismo e as atuais desigualdades globais norte-sul. A diferenciação do conhecimento repousa sobre as histórias e situações muito diferentes de intelectuais metropolitanos, crioulos, colonizados e pós-coloniais. Diferentes projetos de conhecimento têm sido construídos no espaço global, o que alimenta nossa compreensão do próprio conhecimento. Menos reconhecidos, mas cada vez mais importantes, são os usos das perspectivas do sul e do pós-colonial na ciência social aplicada, em áreas que vão desde a educação ao planejamento urbano. Algumas implicações dessas aplicações são discutidas: a teoria do sul não é um conjunto fixo de proposições, mas um desafio para desenvolver novos projetos de conhecimento e novas formas de aprendizagem com recursos globalmente expandidos.

**Palavras-chave:** conhecimento; ciências sociais; pós-colonial; sul global; intelectuais.

---

**Abstract:** Recent work in social science challenges managerial assumptions about homogenous knowledge domains, and traces the effects of a world economy of knowledge structured by the history of colonialism and current north-south global inequalities. The differentiation of knowledge rests on the very different histories and situations of metropolitan, creole, colonized and post-colonial intelligentsias. Different knowledge projects have been constructed in global space, which feed back on our understanding of knowledge itself. Less recognized, but increasingly important, are uses of southern and postcolonial perspectives in applied social science, in areas ranging from education to urban planning. Some implications of these applications are discussed: southern theory is not a fixed set of propositions but a challenge to develop new knowledge projects and new ways of learning with globally expanded resources.

**Keywords:** Knowledge; social science; postcolonial; global south; intellectuals.

---

---

\* Originalmente publicado em *Planning Theory*, 13(2) 210–223, 2014. Permissão gentilmente cedida pelo jornal com o consentimento da autora a quem a revista agradece.

---

## 1. INTRODUÇÃO: CONHECIMENTO, GLOBALIZAÇÃO E COLONIALIDADE

**T**rabalho na Universidade de Sidney na Austrália. Esta é uma instituição relativamente grande e afluenta dedicada ao ensino e à produção de conhecimento. Os administradores da universidade são bastante preocupados com a visibilidade da produção do conhecimento e nossa posição na lista global. Por isso, quando receberam um orçamento apertado em 2011 e propuseram se livrar do problema despedindo 300 dos meus colegas de trabalho, os acadêmicos alvejados foram aqueles que falharam em produzir publicações academicamente certificadas. Os administradores seguiam a tendência. O governo australiano tem tentado por anos introduzir sistemas para ranquear as universidades, departamentos e indivíduos em termos de produtividade da pesquisa, tomando emprestado, na maioria das vezes, modelos da Grã-Bretanha. Contagem de publicação e patente, taxas de citação, fatores de impacto das revistas, ranqueamento por pares estão entre os dispositivos sombrios para tornar a produção da pesquisa universitária mensurável e então auditável.

88

---

Esses dispositivos compartilham uma característica básica. Para fazer os exercícios de ranqueamento funcionar, as autoridades devem supor que há um domínio homogêneo do conhecimento sobre o qual as operações de medida podem atuar. Neste modelo, há apenas um único domínio da bioquímica segundo o qual todas as revistas de bioquímica e seus colaboradores podem ser ordenados e posicionados. Há um único domínio da sociologia, um único domínio da filosofia e assim por diante. A rede de conhecimento estende-se suavemente em todas as direções, abrangendo todos os países e conectando todos os profissionais em um tecido global e homogêneo.

Nas últimas décadas ou próximo disso, cientistas sociais nos seis continentes têm argumentado que este modelo de conhecimento é falso embora sua hegemonia seja uma questão importante. Quijano (2000) mostra que a colonialidade do poder molda o mundo intelectual da América Latina; o argumento também se aplica a outros lugares. O bem conhecido *Provincializing Europe*

---

[Provincializando a Europa] de Chakrabarty (2000) argumenta que as categorias e os raciocínios da história social não podem ser traduzidos da Europa para Índia de modo simplista. Alatas (2006) documenta uma rica arena de pensamento social-científico no mundo árabe, no sul e no sudeste da Ásia marcadamente diferente dos modelos do norte. Os antropólogos Comaroff e Comaroff (2011) mostram com uma riqueza de detalhes experiências e maneiras de teorizar na África que podem revelar o futuro do norte. Bhambra (2007) realiza uma potente crítica aos imaginários eurocêntricos subjacentes aos conceitos sociológicos da modernidade. Reuter e Villa (2010) e Rodríguez et al. (2010) na Europa e Go (2012) nos Estados Unidos mostram a necessidade de perspectivas pós-coloniais na sociologia. Keim (2008) realiza um extensivo estudo de caso da lógica distintiva da sociologia industrial na África do norte. Meu *Southern Theory* [Teoria do Sul] (CONNELL, 2007) mostra pressupostos geopolíticos escondidos na teoria social do norte e discute uma ampla variedade de pensamento social vigoroso desde o mundo colonizado e pós-colonial.

Uma característica deste trabalho recente, e uma das formas pela qual ele se diferencia dos estudos pós-coloniais nas humanidades, é uma sociologia global do conhecimento baseada naquilo que se poderia chamar de economia política do conhecimento. Uma contribuição chave foi feita pela análise de Hountondji (1997 [1994]) da periferia pós-colonial como um local de produção de conhecimento. Há uma divisão global do trabalho, correndo pela história da ciência moderna e ainda poderosa hoje. O papel da periferia é fornecer dados e, posteriormente, aplicar o conhecimento sob a forma de tecnologia e método. O papel da metrópole, assim como a produção de dados, é reunir e processar dados, produzindo teoria (incluindo metodologia) e desenvolvendo aplicações que posteriormente são exportadas para a periferia.

Dentro dessa estrutura, argumenta Hountondji, a atitude dos intelectuais na periferia é de “extroversão”, ou seja, orientada para fontes de autoridade fora de sua própria sociedade. Isso é muito familiar na prática

---

acadêmica, mesmo em um rico país periférico como a Austrália. Viajamos a Berkeley para o treinamento avançado, tomamos nosso sabático em Cambridge, convidamos um professor de Yale para fazer nosso discurso de abertura, visitamos um laboratório de Berlim, ensinamos a partir de livros-texto dos Estados Unidos, lemos a teoria de Paris e tentamos publicar nossos artigos na *Nature* ou na *American Economic Review*. Esse padrão é empiricamente demonstrável; ele é chamado de “dependência acadêmica” por Alatas (2006) e “quase globalização” em meu estudo de trabalhadores intelectuais australianos (CONNELL, 2011, capítulo 6).

O quadro da sociologia mundial e da economia do conhecimento está sendo preenchido empiricamente no decorrer dessas discussões. Por exemplo, Keim (2011) mostrou quantitativamente o domínio das instituições do norte em ciência social globalmente reconhecida; Murphy e Zhu (2012) fazem o mesmo para estudos de gestão. Keim tem dados fascinantes sobre a presença limitada de intelectuais do sul em um centro de pesquisa particular do norte. Collyer (2012) desenvolve um método de análise de citações contextuais que mostra a localização desigual de sociólogos australianos, britânicos e norte-americanos em uma estrutura mundial hierárquica. Hanafi (2011) mostra a estratificação da produção intelectual no Oriente Médio, com trabalhadores intelectuais compartimentalizados pela linguagem e tipo de instituição e pesquisa.

Como pode ser contestado o padrão global de centralidade versus dependência? Uma maneira é afirmar sistemas de conhecimento alternativos. Há, em alguns pontos de vista, um sistema de conhecimento africano – ou talvez múltiplo – independente do sistema de conhecimento ocidental (ver as discussões em Odora Hoppers, 2002). Argumentos semelhantes são feitos para o conhecimento indígena na América do Norte e do Sul, na Austrália e em outros lugares. A escola decolonial (MIGNOLO, 2007) apresenta uma política de conhecimento baseada na oposição absoluta entre a cultura colonizadora e o colonizado.

---

O conhecimento indígena é muitas vezes tido como uma réplica ao imperialismo da ciência ou cultura ocidental. Esta afirmação tem tido um impacto político, e suas consequências nem sempre foram felizes. A tentativa na África do Sul de combater a epidemia de HIV através de práticas locais de cura em lugar de antirretrovirais (em vez de apoio mútuo) foi um erro devastador (CULLINAN & THOM, 2009). Hountondji é um dos críticos de uma abordagem isolada do conhecimento indígena. Ele formulou um conceito de conhecimento endógeno que enfatiza os processos ativos de produção de conhecimento que surgem nas sociedades indígenas e têm a capacidade de falar além deles: a ênfase é a comunicação e não a separação (HOUNTONDJI, 1997 [1994], 2002).

Para entender essas discontinuidades e assimetrias no conhecimento, temos que começar com o que os trouxe à existência: a conquista, o mundo do colonialismo e o mundo da globalização neoliberal em que surgiram novos tipos de colonialismo. Na eloquente passagem de abertura de *Architects of Poverty* [Arquitetos da pobreza], Mbeki (2009, p. x-xi) compara a casa do escravo na ilha de Goree, fora da costa de Senegal no ponto mais ao sudeste da África, com as plataformas petrolíferas fora da costa do golfo de Guiné. Ambos têm uma porta para o mar. O primeiro carregava escravos para os navios que esperavam para atravessar o Atlântico, enquanto que o segundo transportava petróleo para os petroleiros com destino aos Estados Unidos, industrializando a Ásia Oriental e a Europa.

## **2. INTELLIGENTSIAS, IMPÉRIO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

Produzir conhecimento é uma forma de trabalho, feita por grupos de trabalhadores específicos em contextos específicos. Há um processo de trabalho, que foi reestruturado pelo colonialismo, e está sendo reestruturado pela globalização neoliberal. “Trabalhadores intelectuais” não são apenas aqueles com doutoramento ou um *best-seller*. O trabalho intelectual é muitas vezes coletivo; é

---

feito em contextos institucionais que variam de corporações a escolas a igrejas, e pode ser combinado com outras formas de trabalho. Além disso, o trabalho intelectual é moldado em diferentes projetos de formação do conhecimento.

Os trabalhadores intelectuais refletem as divisões na e a história das sociedades em que vivem. Muitas vezes, a divisão de gênero do trabalho cria situações muito diferentes para mulheres e homens como produtores de conhecimento, um fato reconhecido na teoria feminista do ponto de vista (HARDING, 2008). Também é importante reconhecer as diferentes situações criadas pelo processo de colonização para os trabalhadores intelectuais.

Na periferia, o grupo mais próximo da intelligentsia da metrópole eram os trabalhadores intelectuais da sociedade de colonos. Para usar a língua da América espanhola, esta é a intelectualidade crioula. Os intelectuais crioulos são tão diversos como Sor Juana, a grande poeta do século XVII do México; Thomas Jefferson, revolucionário e proprietário de escravos da Virgínia; Rudyard Kipling, contador de histórias e ideólogo da Índia Britânica e Alfred Deakin, jornalista, historiador e segundo Primeiro Ministro da Austrália federada. O colonialismo envolveu a violência maciça em todos os lugares, mas também exigiu uma força de trabalho intelectual para operar o que Mudimbe (1988) chama de “estrutura colonizadora” – controlando o espaço, integrando a economia e mudando a mente dos nativos. Havia também a necessidade de manter a solidariedade entre a população colonizadora e adaptar a cultura metropolitana às condições coloniais, como missionários, professores, pesquisadores, agrônomos, engenheiros, geólogos, etnógrafos, poetas e jornalistas.

A intelectualidade crioula foi definida em virtude do império. Eles eram portadores de cultura metropolitana em novas terras e muitas vezes tinham um intenso envolvimento com pequenos detalhes dessa cultura – testemunham o virtuosismo técnico de Sor Juana, implantando o abstruso conhecimento literário e as formas complexas de versificação barroca em espanhol (PAZ, 1988). Mas eles eram constantemente definidos pela cultura metropolitana como inferiores –

---

áspero, derivado e remoto. O “ninho cultural” diagnosticado há duas gerações pelo crítico literário australiano Arthur Phillips (1950) é característico das culturas crioulas. No entanto, parte da intelectualidade crioula poderia ser empurrada para a oposição direta ao império: Jefferson e Bolívar vêm à mente.

De início, bruscamente separadas dos intelectuais crioulos estavam as intelligentsias indígenas, que achavam que as sociedades que apoiam o seu trabalho eram direta ou indiretamente perturbadas. Os *ulama* das sociedades muçulmanas nas regiões árabe e persa, os intelectuais brâmanes da Índia e a classe mandarim da China neoconfucionista são os grupos mais conhecidos nessa situação. Os poetas e tecnólogos da África subsaariana, os arquitetos e escribas da meso-América e os anciões das comunidades aborígenes na Austrália pré-colonial, por todas as enormes diferenças entre eles, compartilhavam essa relação com o império.

As culturas de que eram portadores tornaram-se objeto de curiosidade na metrópole, culminando na erudição orientalista e na antropologia cultural. Uma abordagem similar poderia ser tomada por intelectuais sob o domínio colonial, por exemplo, G. S. Ghurye, o espírito fundador da escola de sociologia de Bombaim, que viu o estudo de antigos textos em sânscrito como a chave para a compreensão da sociedade indiana contemporânea (DHANAGARE, 2011). Mas o funcionamento da estrutura colonizadora reformulou irreversivelmente as condições do trabalho intelectual.

Alguns dos intelectuais das sociedades colonizadas voltaram-se para a tarefa de adaptar e não simplesmente preservar, combinando isso com a crítica da conquista e a peneiração da cultura dos colonizadores. Mahatma Gandhi disse que descobriu os princípios da não-violência no cristianismo, não na tradição indiana. Outros encontraram mais ajuda no marxismo. Os *évolués*, os evoluídos, como o colonialismo francês chamou os adaptadores, foram finalmente a chave para os movimentos de libertação de meados do século XX. Eles quebraram os impérios francês, holandês e britânico na África e Ásia, como os líderes crioulos do final do

---

século XVIII e início do século XIX tinham quebrado os antigos impérios nas Américas.

Mas depois da independência, ambos os grupos tiveram que imaginar uma ordem social pós-colonial. Os intelectuais crioulos das colônias de colonos lançaram as bases para “novas nações”, como os Estados Unidos e a Austrália, mas foram impressionantemente incapazes de criar sociedades inclusivas com um lugar respeitado para as culturas indígenas. Os intelectuais modernizadores dos estados de maioria indígena – o mais conhecido sendo Nkrumah, Nehru e Sukarno – também tiveram que imaginar novas ordens sociais, incluindo novos projetos educacionais e culturais. Isso se mostrou difícil diante da pobreza, do capitalismo global e da violência neocolonial. Mbeki (2009), Mkandawire (2005) e outros autores traçam o fracasso dos projetos da era da independência do desenvolvimento social e cultural na África, nos golpes militares, na subversão da Guerra Fria pelos Estados Unidos e na corrupção das elites governantes. A modernização dos intelectuais indígenas em países colonizadores como a Austrália nunca teve sequer um alívio temporário da pressão da estrutura colonizadora. Foram os intelectuais crioulos, como Deakin, que escreveu a constituição da Austrália, que só foi alterada para incluir os povos indígenas no recenseamento da população – a marca da cidadania reconhecida – em 1967.

Na era da globalização neoliberal, a questão agora é que tipo de intelligentsia é sustentável em ambientes pós-coloniais que tenha algum tipo de autonomia em relação à poderosa economia de conhecimento centrada no norte, descrita anteriormente. A privatização do ensino superior, a padronização dos currículos e da pedagogia e a intensificação da competição, tudo isso enfraquece a formação de uma força de trabalho autônoma. Da mesma forma, a dependência da pesquisa, em grande parte da periferia, em relação aos programas de ajuda e ONGs que tendem a produzir, como enfatiza Mkandawire (2005), projetos de curto prazo e subfinanciados sobre problemas aplicados, também enfraquece a autonomia do trabalho.

---

O sociólogo, teólogo e ativista iraniano Ali Shariati foi aquele que trabalhou para uma solução de longo prazo. No final de sua vida, esteve em um centro islâmico progressista, o Hosseiniyeh Ershad, em Teerã, e desenvolveu para esta instituição um ambicioso programa de pesquisa e ensino (SHARIATI, 1986). O conceito da Shariati de *rushanfekr*, os intelectuais “que têm um senso de responsabilidade por seu tempo e sociedade e desejam fazer algo a respeito”, é atraente. Mas a capacidade de tais intelectuais de compreender profundamente e conectar-se com a massa do povo tem de ser levada na fé. Hosseiniyeh Ershad foi fechado, e Shariati morreu, antes que o programa tivesse funcionado por muito tempo.

### 3. PROJETOS INTELECTUAIS NA ARENA MUNDIAL

O trabalho intelectual também pode ser analisado em termos dos projetos em que está organizado: as tarefas realizadas, as intenções e o modo como o trabalho evolui no tempo histórico. Certos projetos intelectuais são chamados à existência pelo processo histórico de colonização, descolonização e globalização.

O primeiro, realizado por intelectuais da sociedade colonizada, é simplesmente a defesa e preservação do conhecimento e das práticas indígenas, no caos e na violência da conquista. A importância e dificuldade dessa tarefa e a resistência das comunidades que o fazem são mostradas por histórias como o belo livro de Somerville e Perkins (2010) *Singing the Coast*, baseado nas memórias de uma comunidade aborígine no norte de Nova Gales do Sul.

A segunda tarefa é pensar a invasão. No entanto, a colonização imprevista é do ponto de vista do colonizado – a violência incompreensível sendo o ponto de partida usual – todas as pessoas colonizadas tentam entender o que lhes aconteceu. Narrativas sobre acontecimentos são preservadas entre os sobreviventes como tradição oral, e, às vezes, como tradição escrita, tal como Somerville e Perkins fizeram.

---

Não é provável que a imagem dos colonizadores seja lisonjeira. Al-Afghani (1881 [1968]), um dos grandes modernizadores islâmicos, entendia os britânicos – a superpotência em seu mundo – de forma bastante direta como um bando de tiranos e ladrões. É difícil imaginar qualquer outra visão que os pensadores indígenas de Cortés ou Pizarro tenham tido na conquista do México e do Peru. Documentar a violência da conquista ainda é um assunto desconfortável para as populações de colonos, como mostram as queixas de direita sobre a “história das braçadeiras negras” na Austrália, ou pela reação contra o livro de Hochschild (2006), *King Leopold’s Ghost* [O fantasma do rei Leopoldo], que narrou os espantosos massacres de Congolese por belgas um século antes.

Quando os conquistadores se estabeleceram, quando os missionários cavaram, as plantações foram montadas, as cidades coloniais foram construídas e os colonos começaram a se reproduzir, um terceiro projeto de conhecimento se formou. Era necessária uma análise das ordens sociais coloniais e globais, não apenas a conquista e a dominação. Esta tem sido uma tarefa enorme, seguindo até os nossos dias, e é compartilhada (embora de forma desigual) em todas as inteligências do império.

Entre as grandes obras deste gênero encontram-se os romances de José Rizal (2006 [1887], 2011 [1891]) que dissecam a corrupta sociedade colonial tardia das Filipinas; *Native life in South Africa* [Vida Nativa na África do Sul] de Solomon Tsekisho Plaatje (1982 [1916]), sobre as causas e consequências da apropriação do estado neocolonial pelas terras das comunidades indígenas; *Black Skin, White Masks* [Pele negra, máscaras brancas] de Frantz Fanon (1967 [1952]), sobre a psicologia do racismo e da identidade colonial; *Woman in Class Society* [A mulher na sociedade de classes] de Heleith Saffioti (1978 [1969]), uma análise marcadamente original das relações de gênero no Brasil colonial e pós-colonial; *Accumulation on a World Scale* [A acumulação em escala mundial] de Samir Amin (1974), analisando a economia do capitalismo global; e *The intimate enemy: loss and recovery of self under colonialism* [O inimigo íntimo: perda e recuperação do self sob o colonialismo] de Ashis Nandy

---

(1983), que inclui um relato brilhante da dinâmica da masculinidade no colonialismo britânico.

Esses escritores notáveis fizeram mais do que analisar o colonialismo ou o neocolonialismo. Rizal tinha uma relação ambivalente com a resistência subterrânea, mas ele foi baleado pelas autoridades espanholas como um subversivo e se tornou o herói nacional. Plaatje foi inequivocamente o secretário-geral do Congresso Nacional Nativo Sul-Africano, que se tornou o Congresso Nacional Africano (ANC). Fanon seguiu para o ativismo na guerra de independência argelina e para a escrita do enormemente influente *The Wretched of the Earth* [Os condenados da terra]. Amin trabalhou para o regime pós-colonial de Nasser no Egito e depois esteve profundamente envolvido nos debates sobre o desenvolvimento da África. Saffioti era uma militante socialista e se tornou uma ativista contra a violência de gênero. Nandy se tornou um dos principais intelectuais públicos na Índia, e um crítico tanto do Estado desenvolvimentista secular e militante do nacionalismo hindu.

97

Este terceiro projeto, compreendendo a nova sociedade criada pelo colonialismo e neocolonialismo, articulando interesses e propósitos dentro da sociedade e construindo arte e conhecimento a partir da periferia, é um projeto dinâmico, significativamente diferente da preservação das tradições. Isso significa criar teorias que não existiam antes, ou alterar grandemente as teorias existentes. O projeto exige experimentação, cruzamento de fronteiras e risco; é provável que seja interdisciplinar, às vezes radicalmente assim. A combinação de crítica social e cultural de Hau'ofa (2008) com a arte visual experimental é um exemplo notável, no contexto da sociedade insular do Pacífico.

A análise do colonialismo, portanto, leva a problemas *sobre o próprio conhecimento*, pois estas análises geralmente não surgem e não estão confortavelmente contidas dentro das estruturas de conhecimento da metrópole global. Podemos, portanto, definir um quarto projeto intelectual: a reconstrução do conhecimento que se desenrola no colonialismo e na descolonização. Nada disso é

---

simples; na verdade, pode ser altamente controverso. Hountondji (1983 [1976]) fez sua reputação com uma brilhante crítica à “filosofia africana”, o gênero da escrita que pretendia descobrir uma ontologia nos contos populares, lendas, poesia oral e linguagem das comunidades africanas. José Mauricio Domingues (2009) encontra problemas semelhantes no tratamento do pensamento indígena na escola decolonial contemporânea. Os quadros de pesquisa familiares são questionados pelo argumento de Linda Tuhiwai Smith (1999) para a “descolonização da metodologia”, construindo a ciência social em torno das necessidades, e com os recursos, das comunidades indígenas em Aotearoa, Nova Zelândia.

Temos também o contínuo problema de dependência e absorção em circuitos globais. O tema central dos *Architects of Poverty* [Arquitetos de Pobreza] de Mbeki, mencionado acima, é o conluio entre elites africanas e capital transnacional, resultando em uma pilhagem sistemática do continente. Não há razão para pensar que os trabalhadores intelectuais estão imunes a essas tentações, mesmo que os interesses econômicos sejam menores.

E ainda – o subalterno fala. Se não diretamente, então em formas codificadas, através do impacto do subalterno sobre os privilegiados. O segredo vai sair, mesmo nos temores daqueles que detêm o poder. Deste ponto de vista, o regime de auditoria neoliberal que mencionei no início, a contagem, a medição, a classificação e os testes obsessivos que reduzem a cultura e o conhecimento a uma manjedoura bem embalada, é ele mesmo prova do que pretende suprimir: a enorme e espantosa diversidade, a multiplicidade em erupção, de possíveis projetos de conhecimento.

#### 4. APLICAÇÕES

Um quinto projeto atraiu pouca discussão, mas tem realmente acontecido e tem grande potencial: a *aplicação* da teoria do sul e das perspectivas pós-coloniais. Muitas áreas da ciência social estão intimamente ligadas a formas de

---

prática profissional ou de movimento social. Não é surpreendente que abordagens descolonizadoras emergem nestas arenas também, e muito recentemente, elas têm proliferado. Uma vez que esta não é uma mudança bem conhecida, vou listar as áreas em que sei que tal trabalho já apareceu, e dar alguns exemplos.

#### *Educação*

Hickling-Hudson (2009, 2011) tem uma discussão detalhada dos usos da teoria do sul e do reconhecimento da “consequência imperial” na formação de professores. Epstein e Morrell (2012) desenvolvem a relevância para a pesquisa educacional e política sobre questões de gênero. Gale (2009) fez a aplicação para o ensino superior.

#### *Deficiência*

Meekosha (2011) fez uma crítica pós-colonial em larga escala aos estudos de deficiência, apontando que a maioria das pessoas com deficiência está no sul global e o colonialismo em si é maciçamente incapacitante. Meekosha e Soldatic (2011) aplicam a crítica ao discurso dos “direitos humanos” e defendem uma alternativa social corporificada.

#### *Psicologia aplicada*

Burns (2008a, 2008b) aplicou a teoria do sul à prática de aconselhamento e educação, incluindo o desenvolvimento de carreira, com sugestões para a prática pós-colonial em relação à cultura indígena. Há uma literatura latino-americana mais antiga sobre a psicologia da libertação (MONTERO, 2007), na qual a prática de apoio à luta anticolonial é central.

---

### *Estudos sobre a juventude*

Nilan (2011) oferece uma crítica pós-colonial da divisão intelectual do trabalho em estudos sobre a juventude e concepções de globalização, como a generalização inadequada de idéias de individualização.

### *Serviço social*

Ranta-Tyrkkö (2011) oferece uma crítica pós-colonial do pensamento e treinamento ortodoxo do serviço social, a partir de um ponto de partida escandinavo, com discussão da prática na Índia e envolvimento nórdicos no mundo colonial.

### *Estudos em administração*

Westwood e Jack (2007) oferecem nada menos que um manifesto pós-colonial para estudos de gestão! – defendendo a derrubada das perspectivas dominantes neste campo.

### *Estudos sobre o desenvolvimento*

É aqui que se podem esperar as perspectivas do sul com maior força, e não faltam críticas pós-coloniais (ESCOBAR, 1995). No entanto, Schech (2012) mostra que a hegemonia do norte neste campo continua, e explora a possibilidade de uma perspectiva antípoda dentro dela.

### *Criminologia*

White (2009) examina os relatos de atores globais sobre criminalidade e desenvolve um conceito de dano ambiental transnacional. Aas (2012) fornece uma síntese notável da geopolítica do conhecimento criminológico e suas consequências.

### *Geografia*

Não é um campo aplicado no mesmo sentido, mas está intimamente envolvido com as questões de política de desenvolvimento, por isso, notarei a vigorosa discussão

---

sobre as perspectivas do sul no conhecimento geográfico (PARNELL & ROBINSON, 2012) e as implicações para, entre outras coisas, o mapeamento (SIDAWAY, 2012).

### *Estudos urbanos*

O livro *Ordinary Cities* [Cidades comuns] de Robinson (2006) já teve um grande impacto como alternativa aos modelos de “cidade global”. Watson (2008, 2009) defende a necessidade de reorientar a teoria e a prática do planejamento urbano sobre as questões urbanas centrais do mundo, ou seja, as do sul, exigindo uma crítica dos modelos dominantes no planejamento.

Esta lista não é certamente exaustiva, mas mostra o escopo das discussões já em andamento sobre os usos práticos das perspectivas do sul e do pós-colonial das ciências sociais. Basta, espero, apoiar algumas reflexões sobre as possibilidades e os problemas.

Em muitas dessas contribuições, uma parte importante do processo é um desembaralhamento crítico da literatura hegemônica em um campo de prática – livros didáticos, paradigmas estabelecidos e bibliografias – revelando o domínio do discurso do norte e a extroversão no sul global. Além de mostrar algo importante sobre a história de um campo prático específico, isso ajuda a explicar a persistência do padrão norte-centrado de produção de conhecimento global discutido no início deste ensaio. A hegemonia intelectual da metrópole tem um amplo apoio institucional, incluindo universidades, mas que se estende muito além delas em profissões, governos, corporações e comunidades de prática, criando nessas instituições um senso comum segundo o qual outras lógicas de conhecimento parecem exóticas, censuráveis ou francamente loucas.

Não podemos nos opor a isso tratando a teoria do sul como se fosse um conjunto distinto de proposições, um paradigma alternativo a ser erguido em oposição aos conceitos hegemônicos. Não queremos outro sistema de domínio intelectual. Certamente, existem proposições importantes a serem avançadas a

---

partir de perspectivas do sul, como a grande importância da terra para a teoria e prática sociais (AGARWAL, 1994; CONNELL, 2007, cap. 9; DAVI, 2009; MAIA, 2011). Mas Epstein e Morrell (2012) colocam o ponto principal perfeitamente quando escrevem:

A teoria do sul não existe simplesmente para ser apanhada e adotada ou apresentada. É um desafio, algo que precisa ser desenvolvido... É um projeto que é parte integrante das campanhas de democracia e justiça social, embora seja um convite a novas e, possivelmente, iconoclastas, abordagens a velhos problemas. (p. 472)

A literatura acima descrita tem muitos exemplos dos usos práticos das perspectivas do sul na prática profissional ou política. Um excelente exemplo é fornecido pela discussão de Hickling-Hudson (2011) sobre a formação de professores em Brisbane. Usando experiências e histórias da Jamaica, Gana, Malawi, Cuba e América continental, bem como da Austrália, ela é capaz de lançar os alunos em debates desafiadores sobre currículo e pedagogia, incluindo o currículo oculto da educação ocidental hegemônica, bem como a política de ajuda e a história global. Similarmente, Burns (2008a) examina conselheiros brancos na Nova Zelândia aprendendo com a cultura Maori; Singh (2011) mostra como a educação doutoral pode aprender com estudantes internacionais; Schech (2012) discute as práticas em transformação em relação à ajuda para o desenvolvimento, e Fennell e Arnot (2008) e Watson (2008), em campos muito diferentes, discutem práticas de pesquisadores.

Pensar no nível das práticas ajuda com um problema persistente sobre a recepção do trabalho intelectual do sul em ajustes *mainstream* do norte. Ao falar sobre essas questões nas universidades do norte, muitas vezes me perguntaram, de uma forma ou de outra: “O que isso acrescenta ao que já sabemos?”. As suposições levam a pensar, mas essas questões se relacionam com problemas reais sobre currículo, práticas de citação e similares. E é em termos práticos que a questão deve ser reformulada: “O que isso *nos pede que façamos* que não estamos fazendo agora, como trabalhadores do conhecimento?”

---

O argumento para a teoria do sul não é principalmente sobre proposições diferentes, mas sobre práticas de conhecimento diferentes. E o que pedimos aos intelectuais do norte para fazer, mais do que qualquer outra coisa, é *começar a aprender* de novas maneiras, e em novos relacionamentos. McFarlane (2006) argumenta vigorosamente sobre uma exploração notável das possibilidades de aprendizagem criativa entre o Norte e o Sul, contestando os modelos habituais de “transferência de conhecimento” e as bases epistêmicas e institucionais das divisões norte/sul. Incentivar essa aprendizagem é o propósito prático da minha narrativa em *Southern Theory* [Teoria do Sul].

Aplicações na prática têm uma consequência adicional: eles têm efeitos intelectuais, e levar de volta à teoria. Em suas áreas muito diferentes, as explorações da prática por Aas (2012), Watson (2008) e Meekosha e Soldatic (2011) colocam questões profundas para teóricos e pesquisadores nas ciências sociais “puras”, nas quais os estudos de criminologia, urbanismo e deficiência – incluindo questões sobre a natureza e escala da violência social, o papel contemporâneo do Estado e a natureza da incorporação social. Campos de crítica também estão à altura da mudança: como Parnell e Robinson (2012) mostram, as críticas familiares do neoliberalismo global pelos intelectuais do norte precisam ser repensadas a partir do sul.

## 5. EM CONCLUSÃO

Mudar as práticas dos trabalhadores do conhecimento não é fácil; é necessário apoio organizado assim como um argumento convincente. Os diálogos sul-sul que têm ocorrido nas duas últimas décadas – episódicos e incertos como são – parecem, portanto, de grande importância. Elas incluem diálogos sobre conhecimento indígena e vínculos entre instituições do conhecimento do Sul, tais como o Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África (CODESRIA) e o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO).

---

Movimentos transnacionais feministas e ambientais têm produzido múltiplas redes e fóruns. Há conexões em torno do Fórum Social Mundial e até mesmo através de fóruns das Nações Unidas. Há aventuras imaginativas como a comparação russo-argentina da transição pós-autoritária recentemente publicada por *Laboratorium* (HEREDIA & KIRTCHIK, 2010) e o projeto internacional de repensar a transformação social liderado por Santos (2007).

A literatura sobre a teoria do sul e sobre a descolonização do conhecimento mencionada no início deste artigo está relacionada com esses movimentos. Revisões globais de campos de conhecimento que dão atenção ao trabalho em torno da periferia têm se multiplicado (por exemplo, BURAWOY et al., 2010; PATEL, 2010). Sites específicos, tais como <http://www.southernperspectives.net> e animado <http://isa-global-dialogue.net/> da Associação Internacional de Sociologia.

Essas iniciativas ainda são de escala limitada. Elas são, talvez, importantes como indicações do que é possível. As diferenças estruturais entre a metrópole e a periferia e entre ricos e pobres na periferia continuam importantes. Elas ainda moldam a formação de intellingsias, seus recursos e as condições de seu trabalho. Os múltiplos projetos de conhecimento que surgem na ordem social mundial também são moldados por estruturas globais. Mas eles são, em um sentido importante, abertos e podem ser compartilhados por trabalhadores intelectuais que têm diferentes posições estruturais. Nesse sentido, apesar de todos os mecanismos modernos de vigilância de alta tecnologia e controle cultural, uma agenda muito mais democrática para a formação do conhecimento em escala mundial tornou-se agora possível. Cabe a nós agora encontrar maneiras práticas de educar, de usar recursos e de sustentar a força de trabalho que pode torná-la real.

### **Reconhecimento**

Sou muito grata a Rebecca Pearse, cujo profissionalismo e imaginação como assistente de pesquisa sustentam partes fundamentais deste artigo.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAS, K. F. 'The Earth is one but the world is not': Criminological theory and its geopolitical divisions. **Theoretical Criminology** 16(1): 5–20, 2012.
- AGARWAL, B. **A Field of One's Own: Gender and Land Rights in South Asia**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1994.
- AL-AFGHANI, Sayyid Jamal ad-Din. "Refutation of the materialists". In: KEDDIE, N. R. (org.) **An Islamic Response to Imperialism: Political and Religious Writings of Sayyid Jamal ad-Din 'al-Afghani'** (trans NR Keddie and H Algar). Berkeley, CA: University of California Press, 130–174, 1881 [1968].
- ALATAS, S. F. **Alternative Discourses in Asian Social Science: Responses to Eurocentrism**. New Delhi, India: SAGE, 2006.
- AMIN, S. **Accumulation on a World Scale: A Critique of the Theory of Underdevelopment**, New York and London: Monthly Review Press, 1974.
- BHAMBRA, G. K. **Rethinking Modernity: Postcolonialism and the Sociological Imagination**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.
- BURAWOY, M.; CHANG, M-k.; HSIEH, M. F-y (orgs.). **Facing an Unequal World: Challenges for a Global Sociology**, vol. 3. Taipei, Taiwan: Academia Sinica, 2010.
- BURNS, E. How can a 'southern theory' perspective contribute to New Zealand counselling? **New Zealand Journal of Counselling** 28(2): 10–24, 2008.
- \_\_\_\_\_. Southern theory perspective and career development. **Australian Journal of Career Development** 17(2): 30–37, 2008b.
- CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.
- COLLYER, F. Sociology, sociologists and core-periphery reflections. **Journal of Sociology** (online). DOI: 10.1177/1440783312448687, 2012.
- COMAROFF, J.; COMAROFF, J. L. **Theory from the South: Or, How Euro–America is Evolving Towards Africa**. Boulder, CO: Paradigm, 2011.
- CONNELL, R. **Southern Theory: The Global Dynamics of Knowledge in Social Science**. Sydney, NSW, Australia: Allen & Unwin, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Confronting Equality: Gender, Knowledge and Global Change**. Sydney, NSW, Australia: Allen & Unwin, 2011.
- CULLINAN, K.; THOM, A. (orgs.). **The Virus, Vitamins & Vegetables: The South African HIV/AIDS Mystery**. Cape Town, South Africa: Jacana, 2009.
- DAVY, B. The poor and the land: poverty, property, planning. **Town Planning Review** 80(3): 227–265, 2009.

- 
- DHANAGARE, D. N. Legacy and rigour: The Bombay School of Sociology and its impact in Universities in Maharashtra. In: Sujata P (ed.) **Doing Sociology in India: Genealogies, Locations, and Practices**. New Delhi, India: Oxford University Press, 127–157, 2011.
- DOMINGUES, J. M. Global modernization, ‘Coloniality’ and a critical sociology for contemporary Latin America. **Theory, Culture & Society** 26(1): 112–133, 2009.
- EPSTEIN, D; MORRELL, R. Approaching southern theory: Explorations of gender in South African education. **Gender and Education** 24(5) 469–482, 2012.
- ESCOBAR, A. **Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1995.
- FANON, F. **Black Skin, White Masks**. London: Pluto, 1967 [1952].
- FENNELL, S. ARNOT, M. Decentring hegemonic gender theory: The implications for educational research. **Compare** 38(5): 525–538, 2008.
- GALE, T. Towards a southern theory of higher education. In: **Keynote address to 12<sup>th</sup> Pacific Rim first year in higher education conference**, Townsville, QLD, Australia, 29 June–1 July, 2009.
- GO, J. For a postcolonial sociology. **Theory and Society** (online). DOI: 10.1007/x11186-012-9184-6, 2012.
- HANAFAI, S. University systems in the Arab East: Publish globally and perish locally vs publish locally and perish globally. **Current Sociology** 59(3): 291–309, 2011.
- HARDING, S. **Sciences from Below: Feminisms, Postmodernisms, and Modernities**. Durham, NC: Duke University Press, 2008.
- HAU’OFA, E. **We Are the Ocean**. Honolulu, HI: University of Hawai’i Press, 2008.
- HEREDIA, M.; KIRTCHIK, O. Comparing post-Soviet and Latin American societies: From ‘transition’ to ‘transformation’. **Laboratorium** 2(3): 5–12, 2010.
- HICKLING-HUDSON, A. “Southern theory and its dynamics for postcolonial education”. In: COLOMA, R. S. (org.) **Postcolonial Challenges in Education**. New York: Peter Lang, 365–376, 2009.
- \_\_\_\_\_. Teaching to disrupt preconceptions: Education for social justice in the imperial aftermath. **Compare** 41(4): 453–465, 2011.
- HOCHSCHILD, A. **King Leopold’s Ghost: A Story of Greed, Terror and Heroism in Colonial Africa** (Updated edition). London: Pan Macmillan, 2006.
- HOUNTONGDJI, P. J. **African Philosophy: Myth and Reality** (trad: H Evansand J Rée). London: Hutchinson, 1983 [1976].
- \_\_\_\_\_. **The Struggle for Meaning: Reflections on Philosophy, Culture, and Democracy in Africa**. Athens, OH: Ohio University Press, 2002.

- 
- HOUNTONGDJI, P. J. (org.). **Endogenous Knowledge**: Research Trails. Dakar, Senegal: Codesria, 1997 [1994].
- KEIM, W. **Vermessene Disziplin**: Zum konterhegemonialen Potential afrikanischer und lateinamerikanischer Soziologien. Bielefeld: Transcript Verlag, 2008.
- \_\_\_\_\_. Counterhegemonic currents and internationalization of sociology: Theoretical reflections and an empirical example. **International Sociology** 26(1): 123–145, 2011.
- MCFARLANE, C. Crossing borders: Development, learning and the North–South divide. **Third World Quarterly** 27(8): 1413–1437, 2006.
- MAIA, J. M. E. Space, social theory and peripheral imagination: Brazilian intellectual history and de-colonial debates. **International Sociology** 26(3): 392–407, 2011.
- MBEKI, M. **Architects of Poverty**: Why African Capitalism needs Changing. Johannesburg, South Africa: Picador Africa, 2009.
- MEEKOSHA, H. Decolonizing disability: Thinking and acting globally. **Disability & Society** 26(6): 667–681, 2011.
- MEEKOSHA, H.; SOLDATIC, K. Human rights and the global south: The case of disability. **Third World Quarterly** 32(8): 1383–1397, 2011.
- MIGNOLO, W. D. Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. **Cultural Studies** 21(2–3): 449–514, 2007.
- MKANDAWIRE, T. (org.) **African Intellectuals**: Rethinking Politics, Language, Gender and Development. Dakar, Senegal: Codesria; London: Zed Books, 2005.
- MONTERO, M. The political psychology of liberation: From politics to ethics and back. **Political Psychology** 28(5): 517–533, 2007.
- MUDIMBE, V. Y. **The Invention of Africa**: gnosis, philosophy, and the order of knowledge. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1988.
- MURPHY, J.; ZHU, J. Neo-colonialism in the academy? Anglo-American domination in management journals. **Organization** 19(6): 915–927, 2012.
- NANDY, A. **The Intimate Enemy**: Loss and Recovery of Self under Colonialism. New Delhi, India: Oxford University Press, 1983.
- NILAN, P. Youth sociology must cross cultures. **Youth Studies Australia** 30(3): 20–26, 2011.
- ODORA HOPPERS, C. A. **Indigenous Knowledge and the Integration of Knowledge Systems**: Towards a Philosophy of Articulation. Claremont, South Africa: New Africa Books, 2002.
- PARNELL, S.; ROBINSON, J. (Re)theorizing cities from the global south: Looking beyond neoliberalism. **Urban Geography** 33(4): 593–617, 2012.

- 
- PATEL, S. **International Handbook of Diverse Sociological Traditions**. London: SAGE, 2010.
- PAZ, O. **Sor Juana, or, the Traps of Faith**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.
- PHILLIPS, A. The cultural cringe. **Meanjin: A Literary Magazine** 9(4): 299–302, 1988.
- PLAATJE, S. T. **Native Life in South Africa: Before and since the European War and the Boer Rebellion** (new edition). Braamfontein, South Africa: Ravan Press, 1982 [1916].
- QUIJANO, A. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology** 15(2): 215–232, 2000.
- RANTA-TYRKÖ, S. High time for postcolonial analysis in social work. **Nordic Social Work Research** 1(1): 25–41, 2011.
- REUTER, J.; VILLA, P.-I. (orgs.). **Postkoloniale Soziologie: Empirische Befunde, theoretische Anschlüsse, politische Intervention**. Bielefeld: transcript, 2010.
- RIZAL, J. **Noli Me Tangere**. New York: Penguin, 2006 [1887].
- \_\_\_\_\_. **El Filibusterismo**. New York: Penguin, 2011 [1891].
- ROBINSON, J. **Ordinary Cities: Between Modernity and Development**. London: Routledge, 2006.
- RODRÍGUEZ, E. G.; BOATCA, M.; COSTA, S.; **Decolonizing European Sociology: Transdisciplinary Approaches**. Farnham and Burlington, VT: Ashgate, 2010.
- SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes** [Women in Class Society]. New York: Monthly Review Press, 1978 [1969].
- SANTOS, B. S. (org.). **Another Knowledge is Possible: Beyond Northern Epistemologies**. London: Verso, 2007.
- SCHECH, S. Development perspectives from the antipodes: An introduction. **Third World Quarterly** 33(6): 969–980, 2012.
- SHARIATI, A. **What Is to be Done? The Enlightened Thinkers and an Islamic Renaissance**. Houston, TX: Institute for Research and Islamic Studies, 1986.
- SIDAWAY, J. D. Geographies of development: New maps, new visions? **The Professional Geographer** 64(1): 49–62, 2012.
- SINGH, M. Learning from China to internationalize Australian research education: Pedagogies of intellectual equality and ‘optimal ignorance’ of ERA journal rankings. **Innovations in Education and Teaching International** 48(4): 355–365, 2011.
- SMITH, L. T. **Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples**. London: Zed Books, 1999.

- 
- SOMERVILLE, M.; PERKINS, T. **Singing the Coast**. Canberra, ACT, Australia: Aboriginal Studies Press, 2010.
- WATSON, V. Down to earth: Linking planning theory and practice in the 'metropole' and beyond. **International Planning Studies** 13(3): 223–237, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Seeing from the south**: Refocusing urban planning on the globe's central urban issues. *Urban Studies* 46(11): 2259–2275, 2009.
- WESTWOOD, R. I.; JACK, G. Manifesto for a post-colonial international business and management studies: A provocation. **Critical Perspectives on International Business** 3(3): 246–265, 2007.
- WHITE, R. Researching transnational environmental harm: Toward an eco-global criminology. **International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice** 33(2): 229–248, 2009.

TRADUÇÃO:  
MARCOS DE JESUS OLIVEIRA